

# 4

## CAPÍTULO

# VARIAÇÃO COMO ESPAÇO DE INVESTIGAÇÃO IDENTITÁRIA: ANÁLISE DE UMA PEQUENA REDE SOCIAL FAMILIAR FEMININA DE FLORIANÓPOLIS/SC

Marcela Langa Lacerda Bragança

Lilian KeideArnhold de Azevedo

Bragança, Marcela Langa Lacerda; Azevedo, Lilian KeideArnhold de; "Variação como espaço de investigação identitária: análise de uma pequena rede social familiar feminina de Florianópolis/SC", p. 109-128 . In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-121-3, DOI 10.5151/9788580391213-0004

## INTRODUÇÃO

Análises variacionistas sobre o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro (HORA, 1990; ALMEIDA, 2000; ABAURRE; PAGOTTO, 2002; KAMIANECKY, 2003, entre outros) atestaram que “os falares brasileiros diferem em suas taxas de palatalização” (BATTISTI; HERMANS, 2008, p. 280) e que, em geral, essa regra variável é condicionada, em termos linguísticos, por “vogal fonológica ou não derivada /i/ e consoante-alvo da regra desvozeada /t/” (BATTISTI, 2014, p. 85). Em termos sociais, é condicionada por jovens e habitantes de zona urbana (BATTISTI, 2014) e também por escolaridade (PAGOTTO, 2001).

Para além de uma investigação a respeito de fatores condicionadores linguísticos e sociais clássicos, discute-se neste capítulo a possibilidade de a variação nos usos desse fenômeno ser também um espaço de representação identitária, construída a partir das avaliações que os sujeitos fazem de suas experiências particulares. Nesse sentido, reorienta-se a pesquisa para uma comunidade em pequena escala, convocando, como lócus da investigação, uma rede social: “categoria de pesquisa mais flexível, menos comprometida com as generalizações universais, mais próxima à dimensão do cotidiano.” (BATTISTI, 2014, p. 83).

Mais especificamente, objetiva-se investigar como cada uma de três mulheres que integram uma pequena rede social familiar do bairro Ribeirão da Ilha em Florianópolis/SC, representantes de três diferentes gerações, projetam representações acerca de suas próprias identidades através das variantes desse fenômeno. Como o foco deste trabalho está nos sujeitos, e não na comunidade linguística, trata-se de uma investigação sobre variação enquanto fenômeno socioestilístico, e os dados são analisados, especialmente, a partir de um ponto de vista qualitativo.

### 4.1 OS SUJEITOS E A LÍNGUA: ENTRE REGULARIDADES E SINGULARIDADES

No ideário sociolinguístico vigora a compreensão de que o sistema linguístico, além de heterogêneo, está encaixado no contexto mais amplo, de forma que “ao signo linguístico é acrescido o significado social de sua realização” (PAGOTTO, 2001, p. 21), emergindo, assim, um sistema clivado em dois níveis: o linguístico e o social. Podemos, então, inferir que, para a Sociolinguística, língua é, além de uma realidade material, um sistema simbólico, investido de avaliações, de representações que os sujeitos constroem sobre o mundo e as inscrevem na materialidade da língua.

Mas o fato de a tradição sociolinguística focalizar sua investigação em comunidades de larga escala, ou seja, em comunidades de fala, a fim de captar tendências gerais de uso da língua, tem provocado muitos apagamentos/silenciamentos sobre a heterogeneidade, principalmente, das atitudes avaliativas/representativas dos sujeitos, que resultam dos próprios conflitos inerentes à dinâmica social.

Disso decorre uma reformulação/reconsideração, dentro dos estudos sociolinguísticos, especialmente do conceito de sujeito: de um sujeito homogêneo, a-histórico, indiferente (porque localizado no campo da funcionalidade), delineado a partir de grandes categorias sociais (como sexo, faixa etária, escolaridade), intercambiável (porque tanto faz entrevistar o sujeito A ou o B de uma comunidade, desde que tenham um mesmo perfil social), passa a ser um sujeito cujas especificidades fazem diferença; por isso um sujeito que precisa ser considerado como datado e singular, na medida em que é essa característica que cria outras possibilidades de respostas quanto aos usos da língua.

Emerge, assim, a compreensão de que “há também a questão das atitudes e vontades: os falantes QUEREM se acomodar a outros?” (GUY, 2000, p. 21; grifos do autor), destacando-se a agentividade dos sujeitos diante de suas experiências no mundo como um fator a ser considerado na investigação linguística e, assim, recolocando o problema da avaliação como uma questão central para os estudos sociolinguísticos.

O próprio precursor desse campo de estudos, segundo Pagotto (2001), estudando grupos de falantes afro-americanos, delineou o perfil de cada sujeito, baseado no histórico e nas redes de contato cada um, com a hipótese de que esses elementos poderiam influenciar os usos linguísticos. Como resultado da pesquisa, que confrontou as redes e os perfis históricos com traços gramaticais e fonéticos, Labov (1986) encontrou mais regularidades no histórico de cada um do que nas redes de contato, o que levou Pagotto (2001, p. 70) a concluir que

[f]atos como este mostram que o processo de identidade governa o processo de variação e que não é o contato linguístico entre os falantes o motor do processo, mas a qualidade do contato, entendida aqui em como se coloca simbolicamente cada uma das formas variantes.

Nesse ponto, importa mobilizar um conceito de identidade a que se filia este trabalho. Adota-se o de Stuart Hall, localizado no campo dos Estudos Culturais, tendo em vista a sintonia entre o modo como concebe o conceito de identidade e o rumo que a sociolinguística tem tomado, nas últimas décadas. De maneira geral, embora o autor advirta que esse não é um conceito bem delineado (HALL, 2005, p. 09), para ele, refere-se mui-

to mais a um lugar de sentido que os sujeitos assumem para significarem o mundo e a si mesmos, compreendendo esse lugar como localizado no campo do discurso, do que a uma essência ou substância a ser examinada: “sempre existirão discursos na sociedade que são os meios pelos quais as pessoas tornam significativo o mundo, dão sentido ao mundo”. (HALL, 2003, p. 362).

Identidade, assim, em Hall, assemelha-se a posições discursivas que os sujeitos assumem na interação. É um conceito plural, já que não se trata de um sujeito com uma identidade, mas de um sujeito heterogêneo com identidades múltiplas, devido às interações sociais que mantém no tempo e no espaço de sua existência e ao modo como avalia cada um de seus encontros. A construção identitária, em Hall, portanto, decorre do modo como os sujeitos avaliam a cultura na qual estão inseridos, compreendendo que os próprios aspectos considerados “elementos de cultura” são simbólicos, uma vez que o autor não parece fazer distinção entre cultura e ideologia – “considero a base cultural/ideológica como algo que sempre existe (HALL, 2003, p. 362; grifos nossos) –, ambas tomadas como representação da realidade, com base em avaliações subjetivas.

Esse conceito de identidade de Hall harmoniza-se sobremaneira com os novos desafios a que algumas correntes da sociolinguística têm se lançado, nos últimos anos: compreender a variação como um fenômeno estilístico. Coupland (2007), no prefácio de sua obra intitulada **Style: language variation and identity**, define estilo como o modo como os falantes usam os recursos da variação para fazer sentido nos encontros sociais, tratando, portanto, estilo como um processo de significação.

De maneira geral, Coupland (2007) tece críticas à forma como a Sociolinguística vem tratando a questão do significado social dos dialetos, considerados por ele como “estilos sociais”, ou mesmo do significado social das variantes, uma vez que a tendência tem sido associar uma forma linguística a um valor social (prestígio, estigma; de classe x ou y; de faixa etária A ou B), quando, na verdade, a associação entre marcas linguísticas e significados sociais é bem mais complexa e sempre envolve uma certa instabilidade, fazendo com que não se deva tratar as características linguísticas como tendo significados únicos.

Para Coupland (2007), compreender a variação como um fenômeno estilístico significa promover deslocamentos em várias compreensões consolidadas no modelo mais tradicional de se fazer sociolinguística, admitindo-se que (1) os significados sociais das formas linguísticas não são transparentes, havendo sempre um processo de negociação nessa relação, e que (2) o lugar em que ocorrem as atribuições de significado social aos elementos da língua são os discursos socialmente contextualizados, e não

as comunidades de fala:

Teremos de pensar em termos de significado social potencial (para usar a frase de Halliday) sendo ativado ou validado, enfraquecido, contestado ou parodiado, em quadros discursivos particulares para determinados efeitos locais. Isso implicaria, mais uma vez, que o significado social não reside exclusivamente em formas linguísticas, ou mesmo nas chamadas comunidades de fala ou em histórias e experiências linguísticas dos falantes. Em parte, é uma conquista situada em discursos contextualizados dos falantes. (COUPLAND, 2007, p. 24; tradução livre)<sup>1</sup>.

Tanto Hall, no campo dos Estudos Culturais, quanto Coupland, no campo da Linguística, parecem ter em comum o fato de trazerem para as pesquisas que lidam com sujeitos a compreensão de que, para além da experiência geral, tendo em vista as estruturas sociais mais amplas, as experiências particulares dos sujeitos podem afetar o modo como usam a língua e como avaliam suas formas.

Destaca-se, porém, que Hall não nega que grandes categorias sociais, como classe social, participem da construção identitária dos sujeitos, assim como, para ele, a competência linguística<sup>2</sup> dos sujeitos é também fundamentalmente social, uma vez que os sujeitos já adquirem a linguagem numa situação de interação. Mas a questão central é que, sendo identidade e linguagem, tanto em Hall como em Coupland, atividades sociais, pressupõe-se um constante movimento, compelido pelas avaliações que os sujeitos fazem de suas experiências, tendo em vista a compreensão de que as grandes categorias sociais, tomadas como simbólicas, são experienciadas como algo profundamente subjetivo e pessoal, afetando diretamente o campo das emoções: “[...] para mim, essas estruturas são coisas que a gente vive. Não quero dizer apenas que elas são pessoais; elas são, mas são também institucionais e têm propriedades estruturais reais”. (HALL, 2003, p. 413).

---

1 No original: “We will need to think in terms of social meaning potential (to use Halliday’s phrase) being called up or activated or validated, or undermined or challenged or parodied, in particular discursive frames for particular local effects. This would imply, once again, that social meaning doesn’t exclusively reside in linguistic forms, or even in so-called speech communities or in speakers’ sociolinguistic histories and experiences. It is partly a situated achievement in acts of speaking.” (COUPLAND, 2007, p. 24).

2 Para a leitura que estamos fazendo, Hall usa o termo “competência linguística” para se referir aos usos linguísticos, a algo mais próximo de “desempenho” do que de uma capacidade inata.

O ponto de contato, portanto, entre essa concepção de identidade e a abordagem sociolinguística parece ser justamente a compreensão de que a língua é um sistema simbólico e que materializa as avaliações que os sujeitos fazem de suas experiências no mundo social, embora os espaços de compartilhamentos e de disputas nem sempre sejam dispostos a partir de categorias sociais clássicas, como escolaridade, sexo, idade, tendo em vista a singularidade das percepções dos sujeitos.

Por outro lado, cada tempo é constituído pelas possibilidades de interação com o outro, o que certamente conduz a muitas regularidades linguísticas entre os sujeitos, conforme, há anos, os estudos sociolinguísticos têm evidenciado. Isso não se pode negar. O foco desta pesquisa, porém, é tentar compreender de que modo os usos linguísticos são reveladores do modo como os sujeitos projetam, em seus discursos, o modo como estão se constituindo identitariamente.

## **4.2 O FENÔMENO, O LÓCUS DA PESQUISA E A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA**

Considerando as possibilidades de realização das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ três variantes são frequentemente investigadas: a variante não africada ([t,d]); a africada não palatal ([ts,ds]); e a africada palatal ([tʃ,dʒ]). Nesta pesquisa, trata-se a primeira variante como não palatalizada; a segunda, como sendo uma palatalização moderada; e a terceira, como palatalizada.

Estudos têm indicado a primeira variante como a mais prototípica ou conservadora do falar do nativo de Florianópolis (PAGOTTO, 2001; SEVERO; NUNES DE SOUZA, 2015), cujo dialeto é conhecido como “manezês”: “um dialeto característico da ilha e que, ultimamente, tem sido mais facilmente encontrado em alguns pontos geográficos específicos, embora os residentes nativos estejam presentes em quase toda a ilha” (SEVERO, 2004, p. 241). As duas últimas variantes, portanto, ([ts, ds] e [tʃ,dʒ]), são consideradas as formas mais inovadoras nesse dialeto.

As variantes, no entanto, não se distribuem naturalmente entre quem se percebe manezinho vs. quem não se percebe manezinho, tendo em vista as considerações da seção anterior, bem como o fato de a própria noção de “identidade manezinha” transitar por um período de conflito, decorrente de a cidade de Florianópolis passar por grandes mudanças sociais, devido a um processo de modernização, sendo, ao mesmo tempo “cidade turística, cidade moderna, zona rural, vila de pescadores, cidade de funcionários públicos, paraíso perdido, ilha da magia, cidade de migrantes, pólo da

herança açoriana no sul” (PAGOTTO, 2001, p. 5).

Dessa forma, há na cidade uma flutuação linguística quanto aos usos das variantes, decorrente (a) da interpretação dos sujeitos sobre suas identidades (se são manezinhos ou não), (b) da percepção sobre qual variante caracteriza o de fora e o nativo da cidade, bem como (c) da avaliação (mais positiva ou mais negativa) que fazem desses elementos.

Nesse cenário, um dos pontos geográficos do município de Florianópolis/SC em que a variante conservadora teria mais força é a região conhecida como Freguesia do Ribeirão da Ilha, localizada, aproximadamente, a 30 quilômetros distante do centro ou da região mais urbana da cidade, e caracterizada por incorporar um conjunto de comunidades “mais ligadas à pesca e à atividade rural” (PAGOTTO, 2001, p. 144). Considerando 24 entrevistas em Ribeirão da Ilha do Banco de Dados Brescancini<sup>3</sup>, Pagotto (2001) observou que os entrevistados dessa região se referiam ao centro da cidade como Florianópolis, como se o bairro fosse um lugar à parte da cidade, indicando que um certo sentimento de localismo pode ser um dos constituintes na construção identitária dos sujeitos dessa localidade. Por este motivo, elegeu-se, nesta pesquisa, esse bairro como lócus para a investigação.

Partimos da premissa de que os métodos sociolinguísticos dos estudos de terceira onda (ECKERT, 2012) atendam aos interesses desta pesquisa, pois neles o foco está justamente em comunidade de prática e em rede social, categorias de pesquisas que se referem ao sistema de relações sociais dos sujeitos, focalizando muito mais a qualidade dos encontros entre os membros da rede do que o contato propriamente dito. Focaliza-se especialmente a noção de redes sociais, a fim de se captar conflitos ou compartilhamentos avaliativos.

A rede social considerada refere-se a uma pequena rede familiar, composta por apenas três mulheres, de três diferentes gerações (avó, mãe e neta), que moram na mesma residência em Ribeirão da Ilha/SC, conforme dito anteriormente, e que são muito íntimas. Em busca de informações mais específicas sobre cada uma delas, por exemplo, aplicou-se, no segundo contato com essas mulheres, uma ficha social, com a qual foi possível sondar os hábitos mais específicos de cada uma delas, como: se viajam com frequência, se se reúnem com a família semanalmente, o que mais gostam de fazer, quais festas costumam frequentar, etc.

---

3 O Banco de dados Brescancini refere-se a uma amostra constituída de 24 entrevistas, realizadas no distrito de Ribeirão da Ilha, entre os anos de 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001, pela pesquisadora Cláudia Regina Brescancini, segundo a metodologia utilizada pelo VARSUL.

De acordo com essas informações, essas mulheres podem ser assim caracterizadas: (a) uma, à qual se refere, neste texto, como avó, de 83 anos, viúva, com apenas dois anos de escolaridade, filha de pais muito pouco escolarizados, que trabalhou como funcionária da prefeitura e como rendeira, que se reúne semanalmente com a família, que gosta de assistir TV, que participa ativamente de um clube local de idosos; (b) outra, filha desta primeira, à qual se refere, neste texto, como mãe (por ser mãe da próxima mulher considerada), de 41 anos, casada com um homem que é, profissionalmente, vigilante e motorista, com ensino médio completo, recepcionista em uma clínica médica e que declara gostar do trabalho, que convive com pessoas de várias regiões de Florianópolis, que tem duas filhas, que se reúne com muita frequência com a família; (c) e, por fim, outra, referida neste texto como neta, uma jovem de 19 anos, solteira, que acaba de ingressar na faculdade de Fonoaudiologia e que, nas horas vagas, gosta de teatrar num Grupo da própria comunidade.

O que, então, deveríamos esperar dessas mulheres em relação ao nosso fenômeno variável? Considerando a literatura sobre o fenômeno em Florianópolis e a relação entre ele e as variáveis independentes clássicas labovianas, deveríamos levantar as seguintes hipóteses: (a) a avó, por ser o membro central da rede (BATTISTI, 2014), estar na faixa etária mais elevada e ser menos escolarizada, reforçaria o falar local e, por isso, inibiria a palatalização; (b) a mãe, por ser de faixa etária intermediária e escolarização média, tenderia a promover as variantes com algum traço de palatalização; (c) e a neta, sendo jovem e universitária, tenderia a inibir a variante não palatalizada, o que promoveria um contínuo de palatalização entre as mulheres, partindo de um padrão que menos palataliza para um que mais palataliza: avó > mãe > neta.

No entanto, conforme vem se argumentando ao longo deste texto, os usos dessas variantes tendem a estar atrelados aos significados sociais que os sujeitos lhes atribuem a partir de avaliações subjetivas, de modo que também é possível esperar usos que não seguem essas tendências gerais, pois “o gênero afeta a linguagem com certas especificidades e isso se vincula às experiências da vida dos indivíduos, às ideologias e às categorias sociais existentes” (SEVERO, 2006, p. 10) dentro de determinadas redes de relações sociais. Como a rede familiar em que interagem essas mulheres é densa e uniplexa (cf. BATTISTI, 2014), será que, para a realização desse fenômeno, há mais compartilhamentos ou disputas identitárias entre elas?



### 4.3 METODOLOGIA

Para investigar o fenômeno variável em tela, na rede familiar já descrita, os dados foram coletados da seguinte forma: a família foi, inicialmente, contactada por uma pesquisadora do grupo de estudos do núcleo VAR-SUL/Florianópolis, momento em que se estabeleceu uma relativa aproximação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, visto que, de maneira bem informal, versaram sobre questões diversas, principalmente sobre os temas mais relevantes para a família.

Num segundo momento, agendado previamente com os sujeitos da pesquisa, um grupo de pesquisadores<sup>4</sup> foi à casa das mulheres para entrevistá-las, momento em que também se aplicou uma ficha social com informações gerais e específicas sobre os sujeitos da pesquisa. Durante as entrevistas, embora houvesse um roteiro de perguntas, em geral, ele não foi seguido, já que a interação se processou de maneira bem natural, focalizando os temas que mais interessavam às mulheres.

As entrevistas foram realizadas individualmente, com cada uma das três mulheres. Designou-se dois entrevistadores para cada mulher com a intenção de se criar um cenário mais próximo de uma roda de conversa e, assim, atenuar o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]). Inicialmente, ouviu-se a avó; em seguida, a mãe; e, por último, a neta.

As entrevistas totalizaram, aproximadamente, duas horas de gravação e foram transcritas de acordo com as normas ortográficas e gramaticais, e não de acordo com convenções de sistemas de transcrição, pois esse procedimento não era relevante para os objetivos deste texto.

Para a análise, dentre os grupos de fatores mais controladas em outros trabalhos sobre esse fenômeno<sup>5</sup>, optou-se por selecionar apenas aqueles que mais diretamente se relacionam com a discussão proposta neste texto, cujo foco está no sujeito e em seus movimentos discursivos, conforme apresenta-se a seguir:

a) Sonoridade da variante (/t/ ou /d/): a fim de investigar a influência da

---

4 Participaram deste segundo contato com os sujeitos da pesquisa, cinco estudantes que cursaram a disciplina Sociolinguística e Dialetologia, ministrada pelas professoras IzeteLehmkuhl Coelho, Edair Maria Görski e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. A professora Izete Lehmkuhl Coelho acompanhou esse contato.

5 Variáveis independentes linguísticas, como contexto precedente, contexto seguinte, contexto seguinte à vogal [i], posição da sílaba na palavra, entre outras, já foram controladas e apresentam os mesmos resultados mesmo quando investigadas em corpora diferentes. Variáveis independentes sociais frequentemente investigadas, como sexo, idade e escolaridade, estão imbricadas na variável independente sujeito, tendo em vista que a amostra é constituída de apenas três sujeitos.

sonoridade da consoante na realização da palatalização, considerando que “a consoante desvozeada /t/ é o fator condicionador.” (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2010. p. 81).

b) Item lexical: considerando o critério de distribuição de frequência, acredita-se que formas mais frequentes representam contextos que favorecem a palatalização, ao passo que formas menos frequentes tendem a impor restrições quanto ao uso da variante considerada inovadora no contexto investigado

c) Sujeito: com a hipótese de que cada mulher pode apresentar usos específicos desse fenômeno, tendo em vista o modo como estão se constituindo identitariamente diante de tantas possibilidades experienciadas em Florianópolis/SC.

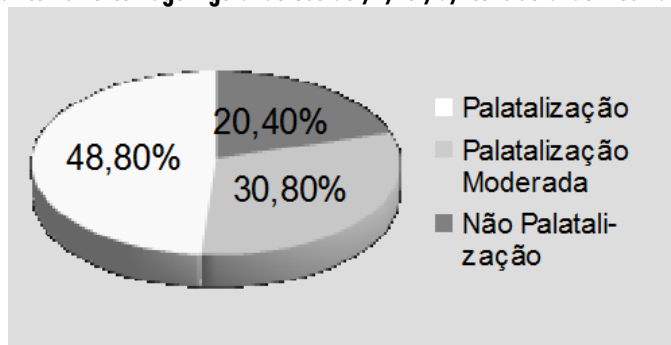
d) Tema sobre o qual se fala: com a hipótese de que os sujeitos projetam avaliações diferentes para cada tema sobre o qual se reportam, podendo, por isso, variarem a depender do que estão falando, considerando que eles (os temas) seriam as instâncias que acionam as representações que os sujeitos constroem de suas experiências.

Os dados foram submetidos ao GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), considerando percentuais e pesos relativos. Além disso, focalizou-se uma análise qualitativa dos dados.

#### 4.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à análise quantitativa, nas três entrevistas realizadas foram encontrados 1.265 contextos de uso de /t/ e /d/ em contexto de assimilação da vogal alta seguinte /i/, como em *tinha*, *dia* ou em *gente* e *de*. Dentre as variantes consideradas, 48,8% das ocorrências foram de realização da variante palatalizada ([tʃ] ou [dʒ]), 30,8% de palatalização moderada ([ts] ou [ds]) e 20,4% de ocorrências em que não houve palatalização ([t] e [d]) (gráfico 1).

Gráfico 1: Porcentagem geral do uso de /t/ e /d/ considerando três variantes



Considerando as três variantes, os dados apontam um percentual maior de realização da variante inovadora nessa rede familiar, a palatalizada (48,8%). Porém, tendo em vista que a análise das entrevistas foi impressionística e que discernir com precisão quando a realização foi não africada ou africada não palatal nem sempre é possível, optou-se por reagrupar os dados gerais, opondo essas variantes à que nitidamente era palatal, gerando o par palatalização vs. não palatalização.

Os resultados gerais, reorganizados dessa forma, com foco na aplicação da regra de palatalização, apontam um uso mais equilibrado das variantes entre as mulheres investigadas, com uma ligeira vantagem para o uso da variante mais conservadora na comunidade (51,20%).

A partir de agora, apresentam-se os dados considerando os usos de cada uma das mulheres da rede: a avó apresenta um uso quase categórico de não palatalização; a mãe usa as variantes de forma equilibrada, mas com leve predominância da variante mais conservadora na comunidade; a neta usa, majoritariamente, a forma inovadora palatalizada (tabela 1).

**Tabela 1: Dados gerais sobre a relação entre sujeito e palatalização**

<b>Sujeito</b>	<b>Apl./Tot.</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<b>Avó</b>	8/203	3,9	.36
<b>Mãe</b>	308/637	48,4	.55
<b>Neta</b>	301/425	70,8	.72
<b>Total</b>	617/1.265	48,8	

As mulheres investigadas apresentam comportamentos linguísticos bem diferentes para esse fenômeno, tendo em vista, principalmente, que os sujeitos de gerações mais distantes, a avó e a neta, apresentam comportamento polarizado, pois enquanto a primeira apresenta uma frequência de uso da forma inovadora muito baixa, desfavorecendo a aplicação da regra de palatalização, a segunda apresenta uma frequência de uso significativa, favorecendo a aplicação da regra.

Esses dados corroboram as tendências gerais já captadas por Pagotto (2001), que identifica aumento de frequência de palatalização em grupos etários mais jovens. Embora esse comportamento linguístico seja condizente tanto com situações de distribuição etária indicativa de mudança quanto com distribuição etária geracional (PAIVA; DUARTE, 2003), o perfil desta amostra, por ela não ser representativa de uma comunidade de fala, não permite tecer considerações sobre essas questões.

A partir deste ponto, analisa-se cada uma das mulheres da rede, separadamente, a começar pela mulher mais velha da amostra, a avó, para se-

guir a mesma ordem em que as entrevistas foram realizadas e também para manter a hierarquia geracional. Para essa mulher, a análise dos grupos de fatores através de pesos relativos mostrou-se inviável, tendo em vista dados praticamente categóricos quanto à não palatalização, validando as tendências gerais já captadas. Olhando, porém, qualitativamente, para os poucos dados em que a avó palatalizou, é possível sistematizá-los.

Em primeiro lugar, dos 203 usos dessa mulher, apenas oito casos (3,9%) são palatalizados, conforme Tabela 1. Considerando os grupos de fatores sonoridade da variante e item lexical, verificou-se que, das oito ocorrências palatalizadas, cinco (62,5%) foram com /t/ e, dessas, três (37,5%) ocorreram com o item lexical *gente*, um dos mais frequentes em toda amostra.<sup>6</sup> As demais ocorrências de palatalização da avó não apresentaram uso sistemático considerando as variáveis item lexical e sonoridade da variante: duas foram também em contexto de /t/, mas com itens lexicais diversos, e três ocorrências foram com /d/ com itens lexicais também diversos.

Nas rodadas estatísticas individuais com as duas outras mulheres, a mãe e a neta, os grupos de fatores selecionados como condicionadores de uso da forma nova foram diferentes: para a mãe, destacaram-se os grupos sonoridade da variante, tema sobre o qual se fala e item lexical; para a neta, os fatores selecionados foram apenas tema sobre o qual se fala e item lexical. Em relação à sonoridade da variante, assim como na análise qualitativa com os dados da avó, contextos com /t/, nos usos da mãe, favoreceram o traço inovador (0,59) mais que os contextos com /d/ (0,41).

A neta, por sua vez, considerando apenas a frequência, já que esse grupo de fatores não foi selecionado para essa mulher, palatalizou mais com /d/ (74,9%) do que com /t/ (67,4%). Mas, como a neta segue a tendência geral de palatalizar muito mais do que as outras mulheres da rede (0,72), os dados parecem confirmar a hipótese de que a consoante desvozeada /t/ é fator condicionador para a palatalização (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2010), considerando os usos da avó e da mãe.

Dentre os itens lexicais, “*gente*” é o que mais favorece a aplicação da regra de palatalização nos usos da neta (0,73), comportamento semelhante ao dos poucos dados palatalizados da avó. Já nos usos da mãe, apenas o item “*de*” se destaca (0,65) para a aplicação da regra. Comparativamente, os resultados para cada uma das mulheres da rede, em relação a esses dois grupos de fatores, podem ser visualizados na tabela 2.

---

6 Aventa-se a hipótese de que o uso palatalizado da avó, no item lexical “*gente*”, pode estar relacionado com a entrada e implementação da forma pronominal “*a gente*”, em variação com o pronome “*nós*”, numa matriz de mudanças encaixadas. A investigação dessa hipótese, porém, demandaria uma pesquisa específica.

**Tabela 2: Aplicação da regra de palatalização, considerando sonoridade da variante e item lexical para cada sujeito**

Sujeito	Apl./Tot.	Sonoridade da variante	Apl./Tot.	PR	Item lexical	Apl./Tot.	PR
<b>Avó</b>	8/203 =3,9%	<b>/t/</b>	5/128	-	tinha	-	-
			=3,9%	-	gente	3/24	-
				-	de	=12,5%	-
<b>Mãe</b>	308/637 =48,4%	<b>/d/</b>	3/75	-	de	-	-
			=4%	-	outros	5/124	-
				-	(/t/ ou /d/)	=4%	-
<b>Neta</b>	301/425 =70,8%	<b>/t/</b>	162/304	.59	tinha	23/47	.46
			=53,3%	.59	gente	=48,9%	.46
				.59	de	49/91	.46
<b>Mãe</b>	308/637 =48,4%	<b>/d/</b>	146/333	.41	de	66/118	.65
			=43,8%	.41	outros	=55,9%	.65
				.41	(/t/ ou /d/)	170/381	.46
<b>Neta</b>	301/425 =70,8%	<b>/t/</b>	155/230	-	tinha	22/27	.64
			=67,4%	-	gente	=81,5%	.64
				-	de	36/43	.73
<b>Mãe</b>	308/637 =48,4%	<b>/d/</b>	146/195	-	de	91/116	.59
			=74,9%	-	outros	=76,4%	.59
				-	(/t/ ou /d/)	152/239	.34

Considerando agora apenas o grupo de fatores tema sobre o qual se fala, tanto na análise qualitativa realizada com os dados da avó quanto nas rodadas individuais das outras duas mulheres da rede, também é possível deprender sistematicidade nos usos analisados. Em relação aos usos da avó, notou-se que, em dois dos oito casos palatalizados, o tema sobre o qual a avó falava era “trabalho”, descrito de forma muito positiva, principalmente considerando a estreita relação que manteve com um de seus superiores, o sr. N. N. P (o seu empregador), considerado por ela como “um grande”. De igual forma, em outras quatro ocorrências palatalizadas pela avó, o tema é o trabalho do marido, e duas dessas ocorrências referem-se à

narrativa de que seu marido também trabalhou com o sr. N.N.P. Nas duas ocorrências palatalizadas restantes, a avó fala de turistas no bairro, como se pode ver no trecho abaixo:

(1)

E.: Tem muita gente que vem visitar aqui no verão?

Avó: Tem, hum?! A senhora [...] essa pousada aqui enche com o pessoal de fora. Tem outra pousada ali – vocês passaram lá – mesma coisa, enche de gente, esses barco fica tudo cheio de gente de fora.

Na entrevista da avó, todos os temas abordados giram em torno do bairro, da família e dos familiares — quase todos nascidos e/ou moradores do Ribeirão da Ilha. Nesses casos, o uso de formas não palatalizadas é categórico. Os únicos temas que se referem a algo externo ao bairro são justamente os temas em que ocorre palatalização. Isso pode ser indício de que a avó faz uma diferenciação entre o que faz parte da comunidade e o que está fora dela, mesmo comportamento que Pagotto (2001) observou em outros sujeitos desse bairro, apresentando indícios de que um sentimento de localismo os constitui identitariamente.

Como a avaliação que a avó faz dos três temas que se referem a questões externas ao bairro é positiva, seus usos, quanto a esse fenômeno, parecem se ajustar à variante possivelmente identificada com a daqueles que são de fora do bairro<sup>7</sup> (o sr. N. N. P, relacionado ao mundo do trabalho de que participou, e os turistas que visitam o bairro); por isso, talvez, o uso da forma palatalizada nesses contextos. Isso pode indicar que práticas ou grupos sociais relevantes para os sujeitos impactam seus usos linguísticos, levando-os a se alinharem ou a se distanciarem ideologicamente<sup>8</sup> daquilo que é característico dos grupos e das práticas avaliados. Omena (2003, p.80), nesse sentido, já destacara que um dos elementos que devem ser observados em fenômenos variáveis são os assuntos sobre os quais se fala, tendo em vista que as “embalagens da mensagem contribuem para a flutuação no uso”.

Os resultados dos usos das outras duas mulheres da rede (mãe e neta), considerando esse grupo de fatores, são apresentados na tabela 3.

7 O Ribeirão da Ilha é um dos pontos geográficos do município de Florianópolis/SC em que a variante conservadora teria mais força (PAGOTTO, 2001). A partir disso, inferimos que, fora do bairro, possivelmente, as outras variantes, como a palatalizada ou a de palatalização moderada, são mais frequentes que a forma prototípica do bairro.

8 Estamos compreendendo *ideologia* como representação da realidade.

**Tabela 3<sup>9,10</sup>: Palatalização e tema sobre o qual se fala considerando mãe e neta**

Mãe			Neta		
Tema sobre o qual se fala	Frequência	PR	Tema sobre o qual se fala	Frequência	PR
Mãe	26/31 =83,9%	.83	Ídolos	21/22 =95,5%	.88
Ser manezinho	9/15 =60%	.66	Familiares vivos	21/24 =87,5%	.74
Comida	27/44 =61,4%	.65	Um caso de violência no bairro	7/8 =87,5%	.73
Casamento	15/25 =60%	.64	Bairro	49/56 =87,5%	.72
Comparação entre Ribeirão e cidades pequenas	12/23 =52,2%	.55	Curso de graduação	23/28 =82,1%	.68
Conselhos para filhos	52/99 =52,5%	.55	O que se faz nas horas vagas	63/82 =76,8%	.55
Infância	40/77 =51,9%	.52	Infância	35/47 =74,5%	.46
O que é ser feliz	11/25 =44%	.51	Onde gostaria de morar	7/11 =63,6%	.44
Contraste entre a vida de hoje e a de antigamente	8/16 =50%	.51	Namoro	5/9 =55,6%	.36
Relato sobre a perda de uma chave	13/29 =44,8%	.48	Profissão dos pais	3/6 =50%	.29
Vida antigamente	33/70 =47,1%	.48	Festas do bairro	17/43 =39,5%	.18
Bairro	10/27 =37%	.40	Reconhecimento da profissão	15/43 =34,9%	.17
Marido	18/57 =31,6%	.33	Comida	5/12 =41,7%	.14
Relato cômico sobre um arrombamento que não ocorreu	11/37 =29,7%	.30			
Festas do bairro	10/44 =22,7%	.21			
Apl./Tot.	295/619		Apl./Tot.	271/391	

9 A tabela 4 exclui, dos usos da mãe, 18 dados com nocautes, encontrados nos seguintes temas: turistas (12/12 palatalizados), prática de benzer (1/1 palatalizado) e namoro (5/5 não palatalizados).

10 A Tabela 4 exclui, dos usos da neta, 34 dados com nocautes, encontrados nos seguintes temas: prática da avó de benzer (4/4 não-palatalizados), separação dos pais (5/5 palatalizados), semelhanças entre artista e fonoaudiólogo (16/16 palatalizados), morte do tio (9/9 palatalizados).

Assim, como no comportamento da avó, temas diretamente relacionados ao bairro, como falar de suas festas (0,21) ou especificamente do bairro (0,40), desfavorecem a aplicação da regra de palatalização nos usos da mãe, o que não se verifica tão claramente no comportamento da neta, uma vez que, se, por um lado, ao falar das festas do bairro tende a não palatalizar (0,18), seguindo o comportamento das outras duas mulheres, ao falar especificamente do bairro, tende a usar a forma nova (0,72).

Considerando outros resultados dos usos da mãe, os temas que mais favorecem contextos de palatalização são: falar sobre sua própria mãe (0,83), sobre ser manezinho (0,66) e sobre comida (0,65). Esses temas têm em comum o fato de estarem relacionados a questões de cunho emocional ou marcados por avaliações positivas, pois há um forte envolvimento dessa mulher com eles, inferência que se pode fazer a partir dos próprios trechos da entrevista.

(2)

(Falando sobre a mãe):

**E:** Como é ser filha da dona. O.?

**Mãe:** Bastante. Muito bom, muito prazeroso ser filha de quem eu sou. [...] Bem, muito protetora assim, sabe, do que é seu.

(3)

(Falando sobre ser manezinho):

**Mãe:** Eu tenho muito orgulho, na real, de ser manezinha [...] eu tive orgulho de dizer que eu sou bem manezinha, muito manezinha, eu nasci no, gente, no Ribeirão [...] eu sou manezinha do Ribeirão da Ilha e tenho orgulho disso.

(4)

(Falando sobre comida):

**E:** A questão de comida, de quem veio o dom?

**Mãe:** Aprendi muito com a minha mãe, muito. [...] Eu adoro cozinhar salgado. Ai, eu adoro fazer uma comida de domingo. [...] Tu pode me botar na cozinha, tu vai me ver sempre feliz assim, que eu amo cozinhar, amo.

O favorecimento de formas palatalizadas ao se falar da mãe, por exemplo, pode significar uma estratégia discursiva para promover uma distinção geracional, já que sua mãe, a mulher mais velha da rede, marcadamente, palataliza muito pouco. Mas, chama atenção que, ainda falando sobre esse mesmo tema, há um momento em que a mulher faz uso do discurso reportado e, em vez de dar continuidade aos usos palatalizados, não palataliza



nesses trechos em que se reporta à fala da mãe:

(5)

Mãe: Tipo assim ó, tipo, a minha mãe é muito de dar conselhos, assim, que hoje a gente sabe que não existepra gente, que é mais novo ainda, mas pra mim, mas pra minha filha, saiu da cama: “não coloca o pé no chão, minha filha não coloca o pé no chão que isso aí vai te deixar resfriada, amanhã tu vai tá com uma dor na barriga”, a minha filha diz: “ah, vó”. “Conselhos de vó vocês tem que acreditar que daqui a pouco acontece”, ela diz.

Zilles e Faraco (2002) defendem que a análise de dados nesses contextos de discurso reportado deve receber um tratamento metodológico diferenciado, justamente porque são contextos enunciativos específicos, mais propícios a análises qualitativas que quantitativas, já que introduzem heterogeneidades discursivas. Para os autores, filiando-se à compreensão de Volochinov (1997) de que discursos reportados referem-se tanto à enunciação na enunciação quanto à enunciação sobre enunciação, análises desse tipo de contexto podem “auxiliar na observação das imagens que os diferentes grupos sociais têm da variação linguística e mesmo de suas respectivas atitudes avaliativas frente a essa variação, expressas não por juízos de valor (por asseverações sobre fenômenos em variação), mas pelo próprio modo de reportar as palavras de outrem.” (ZILLES; FARACO, 2002, p. 22).

Mais uma vez, esses dados, não captados em análises que se dedicam a investigar tendências gerais de uso, parecem indicar um ajuste nos usos linguísticos em decorrência das avaliações, das percepções dos sujeitos em relação ao cenário que recobre aquilo sobre o qual se fala (pessoas envolvidas, circunstâncias, momento histórico, etc.), quer a referência seja a um contexto social mais amplo (ser manezinho) quer seja a um contexto privado (casamento), corroborando com a argumentação de Coupland (2007) de que os valores sociais atribuídos às formas linguísticas podem estar relacionados com os contextos dos discursos em que os sujeitos se engajam.

Os usos mais palatalizados da mãe ao falar justamente sobre manezinho (0,66), reconhecendo-se como tal, quando as pesquisas apontam que a não palatalização tende a caracterizar o dialeto florianopolitano, bem como os usos categóricos não palatalizados da neta ao abordar esse mesmo tema, e também reconhecer-se como manezinha, parecem reiterar o conceito de identidade enquanto realidade discursiva e, por isso, uma categoria que não é fixa, tal como visto em Hall (2003).

Ainda considerando os usos da mulher mais jovem da rede, a neta,

descritos na tabela 3, como os usos palatalizados são bem mais frequentes para todos os contextos investigados, é mais significativo observar em quais temas a frequência de palatalização decresce, além do tema festas no bairro, anteriormente comentado. Os temas que desfavoreceram a aplicação da regra de palatalização nessa mulher da rede foram: comida (0,14), reconhecimento da profissão (0,17), profissão dos pais (0,29) e namoro (0,36).

Esses temas têm em comum o fato de instanciarem um envolvimento emocional muito forte da neta com aquilo que fala, mas, talvez, com projeções avaliativas nem sempre positivas: pelo menos os três últimos temas dessa lista parecem estar relacionados a campos relativamente instáveis de sua vida ou da vida de seus pais, pois quando perguntada sobre se tem namorado, por exemplo, respondeu “no momento não [...] vamos mudar de assunto”; e quando se referiu à profissão da mãe, declarou “minha mãe é dona de casa, cabeleireira, trabalha da recepção de uma clínica, já trabalhou em farmácia”.

Um dos temas em que a neta usou categoricamente formas não palatalizadas foi prática da avó de benzer (4/4), o que reforça a hipótese de alinhamento linguístico dessas mulheres em relação ao modo como percebem/avaliam, consciente ou inconscientemente, os elementos que constituem os temas sobre os quais se reportam.

Por um lado, o modo como essas mulheres materializam as variantes desse fenômeno parece sugerir que são sensíveis a questões sociais mais amplas, visto que a mulher mais velha e menos escolarizada é também a que mais realiza a forma mais conservadora, ao passo que a mulher mais jovem e mais escolarizada é a que menos realiza essa variante. Por outro lado, analisadas individualmente, quer de um ponto de vista quantitativo quer de um qualitativo, parecem ter em comum um considerável sentimento positivo pelo bairro em que residem, e, por essa razão, tendem a projetar no uso dessa variável suas percepções sobre o que pertence e o que não pertence ao bairro. Mas, como as três mulheres parecem avaliar positivamente o que é externo ao bairro, também se ajustam às variantes desse exterior, a depender do tema sobre o qual versam.

Do ponto de vista identitário, formas variantes parecem constituir essas mulheres, embora, em termos de frequência, os usos tendam a se diferenciarem. Os dados considerados exceções da análise quantitativa revelaram-se significativos para a compreensão das projeções identitárias dessas mulheres, (re)constituídas discursivamente, pois também parecem estar sistematicamente organizados a partir do modo como elas se significam em relação ao que são (manezinhas), onde estão (em Ribeirão) e com quem se relacionam (o outro).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa indicam que uma investigação que parta da análise do que é dito, dos discursos a que os sujeitos se filiam e como os avaliam pode contribuir para lançar luz sobre especificidades dos fenômenos em variação, bem como sobre a própria relação entre os sujeitos e a língua, considerando que esta última é um fator de identificação social. Finalmente, agradecem-se às mulheres de Ribeirão da Ilha que, “com sua disponibilidade, boa vontade e mesmo interesse em cooperar para o desenvolvimento da ciência, abriram suas portas aos nossos entrevistadores e, com isso, abriram também muitas perspectivas para ampliarmos nossa compreensão do funcionamento social dos discursos”. (ZILLES; FARACO, 2002, p. 42-43).

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Org.) **Gramática do Português Falado Volume VIII: novos estudos descritivos**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. v.8, p.557-601.
- ALMEIDA, M. A. B. de. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngue de Flores da Cunha: uma análise quantitativa**. 2000. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- BATTISTI, E; DORNELLES FILHO, A. A. A palatalização variável das oclusivas alveolares num falar de português brasileiro e sua análise pela Teoria da Otimidade. **Letras de Hoje**, v. 45, p. 80-86, 2010.
- BATTISTI, E; HERMANS, B. A palatalização das oclusivas alveolares: propriedades fixas e variáveis. **Alfa, ILCSE/UNESP**, v. 52, p. 279-288, 2008.
- BATTISTI, E; Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. 1 ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, v. 1, p. 79-98.
- COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.
- GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetal

- nos padrões da variação linguística. **Organon**, v.14, n. 28 e 29, p. 17-32. 2000.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da SILVA, Guaracira Lopes LOURO. 11<sup>a</sup>. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução por Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HORA, D. da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear**. 1990. 292f. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- KAMIANECKY, F. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa**. 2003. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- PAGOTTO, E. G. **Variação é identidade**. 2001. 454.f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PAIVA, M. C.; DUARTE; M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SEVERO, C. G. Manezês e manezinho: Mutações da fala e da identidade. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, Campinas / Unicamp, v. 33, 2004.
- SEVERO, C. G. O papel do gênero/sexo os estudos sociolinguísticos de variação/mudança. **Revista de Letras**, v. 8, p. 1-08, 2006.
- SEVERO, C. G.; NUNES DE SOUZA, C. M. Identidade e língua na ilha de Santa Catarina: sobre a relação entre o manezinho e o manezês. In: SAVEDRA, M. M. G; MARTINS, M. A.; da HORA, D. (Orgs.). **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**. Rio de Janeiro: EdUERJ/FAPERJ, 2015.
- ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em corpus de língua oral. In.: VANDRESEN, P. **Variação e mudança no português falado da região Sul**. Pelotas: Educat, 2002.